

EDUCAÇÃO E TRABALHO COLETIVOS NAS OBRAS DE MAKARENKO E PISTRAK

Lucinéia Chiarelli

Luiz Bezerra Neto

RESUMO

O presente texto discute os principais traços das propostas educacionais e do trabalho coletivo nas obras de Makarenko e Pistrak que, no início do processo revolucionário da Rússia, foram convidados a implementar uma nova forma de educar. Durante a fase de transição vivenciada pelos soviéticos, era necessário acomodar e educar crianças e jovens delinquentes ou que estivessem em condições de risco social. Dentre vários educadores, Makarenko e Pistrak se apresentaram como exemplos ao compreenderem que a transformação sócio-política e também do ser humano acontece a todo instante, mas que deve ser direcionada e disciplinada. Discutimos, ainda, as formas de organização do coletivo nas colônias e comunas por eles dirigidas. O intuito não é somente da obrigatoriedade de mostrar à população acadêmica os seus feitos, mas de procurar entender suas relações nessas instituições e no acompanhamento do coletivo desenvolvido de forma responsável e determinada. O referencial teórico adotado para se compreender a coletividade para Makarenko e coletividade para Pistrak, é o materialismo histórico-dialético.

Palavras-chave: Coletividade. Educação. Trabalho.

SUMMARY

The paper discusses the main features of the proposed educational and labour collective and the works of Makarenko and Pistrak that at the beginning of the revolutionary process in Russia have been asked to implement a new way of educating. During the transition phase the experienced by Soviets was necessary to accommodate and educate children and young offenders or who were at risk socially. Among many educators, Makarenko and Pistrak presented themselves as examples to understand the socio-political transformation of the human being and also happens all the time, but that should be targeted and disciplined. We discuss the forms of collective organization in the colonies and communes targeted by them. The aim is not only from the obligation, must show to the academic population the yours making, but to seek to understand their relations in these institutions and monitoring the collective developed responsible and determination. There referring theory to understanding in collectivity about to Makarenko and community for Pistrak, is the historical and dialectical materialism.

Key-words: Collectivity, education, work.

INTRODUÇÃO

Para os educadores Russos, no período inicial da revolução, a busca da coletividade constituía-se na possibilidade de encontro do ânimo para enfrentar as dificuldades e sustentar a solidariedade entre aqueles que vivenciavam uma fase de transição, com vistas a ajudar a transformar os ambientes políticos sociais. E, assim, impulsionar e provocar mudanças significativas exteriores e interiores nos sujeitos, refletindo e revelando o que pensa e faz cada comunardo e colonista que arranca com esforço coletivo a própria autoestima.

Estes pedagogos viveram em épocas turbulentas, tendo participado tanto do período revolucionário, quanto depois da Revolução de Outubro, na Rússia, com o firme propósito de aplicar uma pedagogia dinâmica que tivesse por fundamento primeiro, o trabalho. Para isso, construíram um projeto de ensino que priorizava crianças e adolescentes pobres, carentes, abandonados, delinquentes e muitos em situação de risco. O objetivo das comunas era recuperar essas crianças e dar-lhes dignidade.

É importante ressaltar que este estudo tem como objetivo verificar como se apresentava o coletivo nas colônias e comunas e discutir como se dava a participação dessa comunidade no contexto escolar. Na perspectiva de Makarenko e Pistrak, era possível verificar os efeitos e vantagens da coletividade como fator determinante no trato com o alunado no contexto das relações entre trabalho e educação.

Essas crianças, vítimas da guerra e da fome, sobretudo, vítimas do processo pré-revolucionário, que foram lançadas ao mundo, órfãs, abandonadas e desvalidas e que, de acordo com Makarenko, tiveram que se sujeitar a uma vida de miséria, e vagabundagem, vício e prostituição. Muitas vezes, essas crianças, obrigadas a viver na delinquência, após a aplicação da pedagogia desses mestres, em sua maioria, tornaram-se homens e mulheres de valor.

Makarenko e Pistrak tinham sobre o trabalho coletivo olhares críticos, mas transformadores sobre os comunardos e colonistas, pois buscavam através de regras claras e disciplina rígida fazer com que as crianças que ali viviam respeitassem os critérios estabelecidos pelo grupo. Cabe ressaltar que se utilizavam de métodos, às vezes, considerados severos dado que, não raro, atuavam de forma ríspida no trato.

A coletividade era considerada, tanto por Makarenko como por Pistrak, a essência da sociedade comunista, vista como o ato de compartilhar e colaborar na produção de ideias, por meio da interdisciplinaridade. Para estes, era importante a prática da

solidariedade para um crescimento harmonioso, que resultaria em qualidade e demonstraria o respeito ao constructo do conjunto da sociedade.

De acordo com Abbagnano (2007, p. 153), coletivismo é um termo criado, na segunda metade do século XIX para indicar o socialismo não estatista em oposição ao estatista. Nesse sentido, foi coletivista o socialismo reformista anterior à guerra e é coletivista o trabalhismo inglês na medida em que se deseja uma sociedade sem desequilíbrios de classe, portanto coletivizada, mas não controlada pela força por uma elite privilegiada que goze de um nível de vida radicalmente diferente do resto da população.

O coletivo é aqui identificado como social, representado como classe, colocado como vertente de determinados fatores históricos, culturais, políticos e educacionais que geram um processo. O educando deve se reconhecer como parte ativa e representativa da coletividade em que se insere.

Nesse contexto, o presente estudo trata da coletividade a partir da compreensão desta por meio dos pedagogos Makarenko e Pistrak e discorre sobre a educação e o trabalho desenvolvido nas colônias e comunas comandadas pelo primeiro e do modelo educacional sugerido pelo segundo.

Contexto Histórico e Político Vivenciado Por Pistrak e Makarenko

Anton Semionovich Makarenko nasceu em Bielopólie (Campo Branco), província de Khárkov, Ucrânia, país do leste europeu que se tornou parte da União Soviética, em 1º de março de 1888, e faleceu em Moscou, em 1º de abril de 1939 (MAKARENKO, 2005, p. 5).

Em 1895, Makarenko, com 7 anos, foi matriculado na escola primária, cujo curso tinha duração de dois anos. Aos 5 anos, já sabia ler. Era o melhor aluno da turma, trabalhava na horta escolar, cantava no coro infantil e tocava violino (CAPRILES, 1989 p.43).

Filho de família operária, o pai era ferroviário, lecionou ainda bem jovem em escolas primárias populares. Foi um dos homens que ajudou a responder e a repensar o papel da escola e da família na recém-criada sociedade comunista, no início do século 20. Sua pedagogia tornou-se conhecida por transformar centenas de crianças e adolescentes marginalizados em cidadãos (MAKARENKO, 2005, p. 5).

Em 1913, ele já tinha organizado um grupo de trabalhadores e intelectuais revolucionários dedicados ao estudo dos novos valores democráticos. Em 1920, com 32

anos, estabeleceu as bases para a sua dialética do processo pedagógico (CAPRILES, 1989, p.18-65).

Makarenko não acreditava que o nacionalismo burguês, proposto pela Rada Central, fosse o caminho correto para o desenvolvimento da Rússia e defendia a unidade pan-russa, afirmando que a independência econômica existente entre a Rússia, industrial, e a Ucrânia, produtora de matéria-prima e alimentos seria um fato que transcenderia as diversas formas de organização social e política propostas pelos nacionalistas de Kiev. Seu destaque pedagógico iniciou-se em 1920, quando dirigiu por dezesseis anos as instituições correcionais (de 1920 a 1928 a Colônia Gorki, e de 1927 a 1935 a Comuna Dzerjinski). O termo colônia foi utilizado durante o processo da revolução e comuna posterior à consolidação da mesma. Makarenko concebeu, dessa forma, um modelo de escola baseado na vida em grupo, na autogestão, no trabalho e na disciplina que contribuiu para a recuperação de jovens delinquentes (MAKARENKO, 2005, p. 6).

Já Moisey Mikhaylovich Pistrak (1888-1940) se consolidou como um educador Russo que influenciou ideias na pós-revolução Russa, no período de 1917 a 1929, na condução dos trabalhos da escola Lepechinsky. Antes da Revolução Bolchevique, as escolas eram organizadas em unidades isoladas e aproximadamente 70% da população russa era analfabeta.

Instituições experimentadas por Makarenko e Pistrak

De acordo com Capriles, os documentos do censo nacional de 1897 demonstravam que, na Rússia, entre os homens, apenas 29% sabiam ler e escrever, enquanto a porcentagem das mulheres alfabetizadas era muito mais baixa ainda: 13 em cada 100, sendo que quatro em cada cinco crianças não tinham a mínima possibilidade de estudar (CAPRILES, 1989 p.18).

Para este autor, as escolas primárias russas, até a Revolução de 1917, eram instituições isoladas, dirigidas com critérios feudais, que, em termos nacionais, não relacionavam os seus respectivos programas entre si, o que fazia com que a grande maioria das instituições de ensino pertencesse às propriedades de alguns setores da burguesia, nas áreas urbanas e latifundiários, no campo, e uma pequena parte do Estado. (CAPRILES, 1989, p.18).

Ainda segundo Capriles, grupos progressistas, anteriores à Revolução de Outubro, lutaram durante muitas décadas pela criação de escolas públicas de ensino leigo. O primeiro pedagogo a fazer uma discussão em nível nacional foi Constantin Dimitrievitch Uchinski, que desejava uma educação baseada na cultura popular e nas tradições regionais russas ou não, ministrada na língua materna de cada povo. (CAPRILES, 1989, p. 19).

Outro educador que se destacou nesta luta foi Leon Tolstoi que chegou a abrir uma escola em sua propriedade, em 1859, em Tula, a 100 km de Moscou, para os filhos de seus colonos. A escola era gratuita, mas não obrigatória. Tolstoi escreveu um ABC em quatro volumes, contendo noções científicas e contos populares. (CAPRILES, 1989, p. 21).

Apesar de o governo czarista esmagar a revolução democrático-burguesa, de 1905 a 1907, e considerar desnecessária a instrução pública, os pedagogos progressistas tentavam encontrar um meio para pôr em prática as ideias da educação social das crianças. Como todos eles eram sucessores de Uchinski, (CAPRILES, 1989 p. 22), a educação proposta aproximava-se das ideias libertárias.

Makarenko, no entanto, baseava-se em ideias marxistas sobre a educação e por isso, encontrava grande resistência entre os educadores nacionalistas ucranianos cuja pedagogia era hostil ao sistema soviético. Agravada pela eclosão de uma guerra civil (1918-1920), a campanha de alfabetização atingiu também os soldados, que aprendiam a ler com as cartilhas escritas por Krúpskaia para o front (CAPRILES, 1989, p. 32).

A “escola do trabalho” teve nos professores Shulgin e Pistrak seus principais defensores na União Soviética. Foram eles que insistiram em estudar a obra dos revolucionários democratas da segunda metade do século XIX, aqueles que criaram as bases de uma literatura socializante, nacionalista e libertária (CAPRILES, 1989 p. 34). Esta escola teve em Makarenko um grande entusiasta, dado que ele via as ciências como princípios de controle na medição das conquistas práticas e isso determinava sua forma concreta na organização do coletivo. Em 1911, Makarenko foi nomeado inspetor de instrução pública em Dolinskaia, onde dividia a moradia com outros professores e alunos, pois o regime era de internato. Organizou ali um grupo de teatro, uma banda de música e bailes de máscaras. Como buscavam meios de produzir a sobrevivência a partir do

próprio trabalho, os alunos eram estimulados a confeccionar os cenários e os figurinos (CAPRILES, 1989, p.61).

Makarenko procurava transmitir confiança aos seus comunardos, ensinando que se deve educar como se vive, por isso sua pedagogia, além de ensinar o valor do trabalho, aspirava educar em um ambiente de pessoas felizes. Nessa perspectiva, o ato de ensinar deveria trazer alegrias, que são mais bem percebidas na coletividade, alegrias da vida sentidas com vitórias, não as pessoais, mas aquelas que contribuíssem com as vitórias da humanidade.

Ao ser nomeado diretor da colônia em Petrogrado, Makarenko encontrou uma população que contava com mais de 6.000 crianças criminosas, dos 9 aos 15 anos. Todas elas reincidentes e, entre elas, um bom número de assassinos. Havia garotos de 12 anos, cada um deles com três mortes nos seus antecedentes. Então, foi proposta a criação de uma liga contra a delinquência infantil, na qual Makarenko incluiu as personalidades mais competentes em matéria de educação (GORKI, 1974, p. 25). Sua aspiração era oferecer um ensino que possibilitasse àqueles jovens viverem em sociedade como cidadãos produtivos e mais felizes.

De acordo com Makarenko, o homem quer viver a maior quantidade de tempo e o melhor possível. Essa finalidade não é a única, por isso pode significar apenas se obter o máximo de completude naquilo que lhe é oferecido pela vida. Se pudermos melhorar as nossas condições, então devemos focar o máximo nesse objetivo, e Makarenko estava disposto a lutar por esse máximo em um coletivo, primeiro na colônia e depois na comuna. Ao iniciar seu trabalho na colônia, recebeu um sítio de 20 hectares, cheio de pinheiros e bétulas, com cinco prédios de tijolos vermelhos, completamente destruídos. Foi ali que, no dia 4 de dezembro de 1920, se instalaram os seis primeiros educandos, rapazes de 16 a 18 anos, todos com antecedentes criminais muito graves. Um deles, poucos dias depois de ingressar na colônia, durante um assalto, assassinou uma pessoa (CAPRILES, 1989 p. 83).

Makarenko deu à comuna um enfoque, de maneira inovadora, aos problemas disciplinares, numa constante luta voltada para a superação das dificuldades impostas pelos objetivos do coletivo. Em março de 1921, o estabelecimento já contava com 30 rapazes; os roubos na própria colônia aconteciam diariamente, as atividades docentes eram divididas em turnos, ficando a parte da manhã dedicada à produção agrícola, ao

cuidado do bosque vizinho, uma propriedade estatal incorporada à colônia, e às obras de construção e manutenção dos edifícios escolares e de moradia. À tarde, os educandos assistiam às aulas, dando-se especial ênfase à literatura (CAPRILES, 1989, p. 87).

Makarenko foi um pedagogo marxista que denunciou o idealismo e a metafísica na pedagogia. Em seu trabalho pedagógico também considerou o materialismo dialético como o método mais significativo para compreender as leis do desenvolvimento da sociedade. Seguindo seus métodos, Makarenko, após longo tempo na colônia Gorki foi designado para comandar a comuna Dzerjinski. Além da dedicação à educação, os comunardos se tornaram produtivos. Dedicavam-se cerca de quatro horas por dia ao trabalho e de quatro a cinco aos estudos, e criaram a máquina fotográfica FED, iniciais do Dzerjinski. Também liam os principais jornais, praticavam esportes, participavam de debates políticos, enfim, podiam ser considerados felizes.

Concomitante ao desenvolvimento das colônias por Makarenko, entre 1920 e 1937, Pistrak desenvolveu as chamadas Escolas-Comunas. Em Uspensk, por exemplo, contava com um número que variava entre 60 e 70 crianças, de 9 a 15 anos, que trabalhavam em oficinas, curral, hortas, estufas, estação elétrica, oficinas de reparo. Eles se dividiam voluntariamente, Pistrak comandava todo o trabalho em que cada um aprendia o valor da auto-organização.

A escola comuna foi construída em um antigo ginásio feminino. Um bom prédio escolar, que embora carente de aquecimento, com inexistência de instalações para o internato e o material didático jogado e fora de ordem, passou a contar com cerca de 20 crianças e um pedagogo. Assim, Pistrak abria os caminhos para uma nova pedagogia que tinha por base o trabalho como princípio educativo e a auto-organização dos educandos (PISTRAK, 2011, p. 163).

Makarenko desenvolveu suas reflexões acerca do sentido da coletividade em condições duríssimas, com pessoas que não mais seguiam regras sociais. Em seus Poemas Pedagógicos ele descreve como levava em conta os sentimentos dos alunos na busca pela felicidade, aliás, um conceito que, de acordo com o autor, só teria sentido se fosse estendido para todos. Para ele, o que importava eram os interesses da comunidade, daí admitir que a criança deveria ter o direito a privilégios que eram impensáveis na época, como opinar e discutir suas necessidades no universo escolar.

A luta para o constructo da coletividade era considerada fundamental por Makarenko (2005, p. 64), visto que, segundo ele, os embriões do coletivo, semeados no início dos trabalhos, brotavam silenciosamente na sociedade, e seria preciso muita determinação para salvar esses embriões a qualquer custo, pois não se poderia permitir que os novos contingentes sufocassem esses brotos preciosos.

Direcionando a importância de sua contribuição na questão pedagógica, é preciso notar que este aspecto merece ser analisado de modo mais completo e mais profundo. Trata-se, antes de tudo, de sua reflexão sobre as características da coletividade educativa e do método de organização do processo educativo, pois Makarenko percebeu a coletividade em diferentes aspectos, como, por exemplo: a indissociabilidade dos laços exteriores e interiores, a correlação entre a coletividade geral e as coletividades primárias, os tipos de relações intracomunitárias e os fundamentos organizacionais da coletividade, assim como suas tradições, seu estilo e seu tom.

Para a época e o momento em que viveu, suas ideias sobre a evolução das funções educativas da coletividade eram extraordinariamente modernas, tanto que o aluno se tornava sujeito ativo de sua formação e sobre o qual se exercia a ação dos pedagogos, também sujeitos ativos que tomavam nas mãos a organização da vida do educando.

O papel inovador da coletividade tornava-se um método de educação na concepção do processo do colonista ou comunardo, enquanto indivíduo e membro de um grupo. O ser coletivo também tinha o interesse da perspectiva individual apesar de fazer parte do conjunto.

Ciavatta e Lobo (2012, p. 562) destacam que, de 1917 a 1931, havia um sistema educacional socialista, período tido como balizador da educação pretendida pelos pedagogos revolucionários, sendo alguns de seus expoentes Schulgin, Krupskaja, Lunacharsky, Pistrak e Makarenko.

O Estado Soviético, naquela época, havia reduzido em duas horas o horário de trabalho para todos que estudavam, possibilitando, assim, maior dedicação ao estudo. Os destacamentos se fundiram num verdadeiro, forte e unificado coletivo, não havia aristocracia, mas ordem e hierarquização de um companheiro a outros e democracia na assembleia geral (CIAVATA E LOBO 2012, p. 563).

Para Makarenko, a sociedade socialista deveria ser a base do princípio do coletivismo e, nela, o bem-estar de cada um dependia diretamente do bem-estar de todos. Makarenko sentia-se realizado ao perceber as transformações ocorridas. “A esplêndida marcha do

nosso coletivo e as fanfarras triunfais às margens do Kolomák levantaram bem alto a autoestima dos colonistas. Quase sem esforço conseguimos substituir os modestos ideais de sapateiros e colocar à sua frente sinais emocionantes e belos” (MAKARENKO, 2005, p. 260).

Durante o processo de formação, o trabalho era fundamental na educação, os dois caminhavam unidos para um crescimento concreto e completo. Todos os estudantes, colonistas ou comunardos, desempenhavam atividades para a auto-organização, a autogestão das colônias e comunas. Dessa forma, Makarenko, em seu discurso, afirmava:

Fiquei contente como uma criança: que maravilha! Que bela e empolgante dialética! Um coletivo trabalhador livre não é capaz de ficar parado no mesmo lugar. A lei universal do desenvolvimento geral só agora começa a mostrar suas verdadeiras forças. As formas de vida de um coletivo humano livre são movimento para a frente. (MAKARENKO, 2005, p. 387).

Tanto na Colônia como na Comuna, a democracia aparecia como forma de comando, porém havia estrutura hierarquizada e um grande respeito pelo gestor que colocava toda sua vida naquele lugar. Para Makarenko, a diferença principal entre o sistema educacional soviético, baseado na coletividade e o sistema burguês repousava justamente no fato de que o coletivo infantil deveria necessariamente crescer e enriquecer, vislumbrar à sua frente um amanhã melhor e lutar por ele em um jubiloso esforço comum, em um sonho alegre e obstinado. Ainda, segundo Makarenko, os colonistas nem mesmo sabiam, mas percebiam com finíssima intuição a necessidade pendente no ar de entregar tudo ao coletivo, e isto não constituía um sacrifício (MAKARENKO, 2005, p. 400).

A Revolução Russa contribuiu para criar novas relações sociais entre os homens, dado que em uma nova sociedade, necessitava de um novo tipo de homem para assumi-la, então a importância da renovação dos métodos de ensino. A ideia básica de uma nova sociedade, que realizaria a fraternidade e a igualdade bem como o fim da alienação, uma imensa esperança coletiva que tomou conta da sociedade soviética. Era também uma esperança da burocracia de Stalin, a qual, segundo Maurício Tragtenberg, reduzia o projeto revolucionário soviético a uma política de industrialização, convertendo os soviets em meros “aparelhos de Estado” e orientando o próprio Estado aos seus

interesses particulares, como se fosse sua “propriedade privada” (TRAGTENBERG, 2003, p. 7).

Makarenko propunha uma medida indispensável para o desenvolvimento da educação socialista, o de aprofundar a atenção à coletividade infantil como um todo orgânico. Para isso, seria necessário reestruturar toda a psicologia do trabalhador escolar. A construção de uma nova sociedade, conforme o ideário inicial da Revolução Russa, implicava que ela fosse feita de baixo para cima. Pistrak acentuava que seria necessário que cada membro ativo da sociedade compreendesse o que era preciso construir e de que maneira seria necessário fazê-lo. Tal postura levava à valorização do trabalho coletivo e à criação de formas organizativas eficazes. Para ele, a aptidão do trabalho coletivo era adquirida no processo do próprio trabalho. Era necessário saber quando mandar ou obedecer, e isso se conseguiria por meio da auto-organização dos educandos, cujo preceito era: “todos, na medida do possível, ocupem sucessivamente todos os lugares, tanto as funções dirigentes como as funções subordinadas” (TRAGTENBERG, 2003, p. 41).

Conhecimento do real e auto-organização são chaves da nova escola inserida na luta pela criação de novas relações sociais. É preciso lembrar que na Rússia pré-revolucionária já havia forte contestação ao modelo escolar vigente. Prova disso é que, numa perspectiva bastante diferente daquela que surgiria com a revolução, e sob forte influência de Uchinski, o escritor Leon Tolstoi fundou a primeira escola democrática, libertária em Tula, em sua propriedade, distante cem km de Moscou. Era uma escola gratuita para os filhos de seus colonos no ano de 1859. Sua crença era a de que, de acordo com a natureza, a criança é perfeita, e os homens e a sociedade é que as modificam e as corrompem.

Cumpram ainda lembrar que Makarenko surgiu como o resultado de uma infância e adolescência vividas em meio a dificuldades financeiras e diferenças de classe, de autores que influenciaram sua vida, politicamente, como Lênin e Gorki.

Pistrak, por sua vez, era considerado um seguidor das ideias políticas e pedagógicas de Nadezhda Krupskaya, companheira de Vladimir Lenin. Krupskaya foi uma das primeiras pedagogas marxistas e participou ativamente da construção de um sistema público de educação vinculado ao projeto de sociedade socialista. De acordo com Caldart, Pistrak apreendeu de Krupskaya que o princípio do trabalho deve ser educativo

e gratificante, deve ser organizado de forma social e planejado para que a criança desenvolva uma disciplina interna e que o coletivo surja naturalmente (CALDART, 2000, p. 07).

Assim, é impossível para a tradição marxista pensar a individualidade deslocada das relações sociais de produção da existência. Marx e Engels, no livro “a Ideologia Alemã”, fazem referência a três pré-requisitos para compreender a relação indivíduo/coletividade: os indivíduos reais, sua atividade e as condições materiais de sua vida. Sobremaneira, a individualidade humana condiciona a esses três elementos apontados por Marx e Engels. Nessa perspectiva: “Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado” (MARX, 1979, p. 21).

Marx aponta para a sociedade capitalista como uma sociedade forjada a partir da desigualdade entre as diferentes classes sociais e que, somente a partir de uma força coesa de uma coletividade, pode-se mudar a situação da abstração das ideias por um mundo de produtividade material com igualdade na distribuição dos bens produzidos por toda a sociedade, para todos os indivíduos.

Caldart (2000, p. 09) aponta que, para Pistrak, as crianças e os jovens tinham um lugar destacado na construção da nova sociedade soviética, mas precisavam ser educados com muita firmeza ideológica e política, nos princípios e valores da revolução, e com muita autonomia e criatividade para ajudar a recriar as práticas e as organizações sociais.

Caldart (2000, p.12) mostra também que Pistrak defendia a auto-organização dos educandos como base do processo pedagógico da escola, tendo uma participação autônoma, coletiva, ativa e criativa das crianças e dos jovens, de acordo com as condições de desenvolvimento de cada idade, nos processos de estudo, de trabalho e de gestão da escola. Ainda de acordo com Caldart, Pistrak tinha uma visão educacional em sintonia com a ascensão das massas da Revolução. Demonstrava clara preocupação com o social, com as leis do trabalho, buscava desenvolver a criatividade nos professores, traçava o papel do adolescente na luta contra o capitalismo.

A maioria dos professores não tinha uma consciência clara do fato de que a pedagogia marxista é, e deveria ser, antes de tudo, uma teoria de pedagogia social, ligada ao

desenvolvimento dos fenômenos sociais lidando com dados a serem interpretados e trabalhados de acordo com os interesses de classe. No entanto, deve ser um trabalho coletivo, da análise coletiva do trabalho de uma escola, para que esse esforço não deixe de ser um trabalho criador, e isso já fora comprovado pela experiência das reuniões regionais de professores primários (PISTRAK, 2011, p. 21).

Ele aplicou que a pesquisa do trabalho escolar, arma o educando e o guia para a luta de uma nova sociedade, acentua a importância de uma juventude comunista. Construir o coletivo para ele se fazia no próprio trabalho, entretanto, o trabalho e aula não possuíam canais de comunicação.

Pistrak (2011, p. 30) apresentava o trabalho na escola que, enquanto base da educação, deve estar ligado ao trabalho social, à produção real, a uma atividade concreta socialmente útil, sem o que o trabalho perderia seu valor essencial, seu aspecto social, reduzindo-se, de um lado, à aquisição de algumas normas técnicas, e de outro, a procedimentos metodológicos capazes de ilustrar este ou aquele detalhe de um curso sistemático. Assim, o trabalho se tornaria anêmico e perderia sua base ideológica.

Pistrak condena, também, os trabalhos domésticos e cansativos para as crianças, enfatizando que a escola deve nortear princípios para uma educação de higiene pessoal, o trato do corpo, das roupas, dos dentes, do material e da organização pessoal da vida cotidiana. Para Pistrak, a aptidão para trabalhar coletivamente só se adquire no trabalho coletivo; trata-se, portanto, de um problema que a escola terá de enfrentar. Mas a aptidão para trabalhar coletivamente significa também que tem que se saber dirigir quando é necessário e se obedecer quando é preciso. Para isso, a auto-organização faz-se imprescindível (PISTRAK, 2011, p. 33).

Ao se pensar na relação entre o trabalho e a educação, tendo o primeiro como princípio educativo, é preciso ter claro que o trabalho nas oficinas deve se dar de forma artesanal; já o trabalho agrícola deve ser entendido como a possibilidade de trabalhar na perspectiva da aliança operário-camponesa, respeitando as estações do ano e o entrelaçamento da tecnologia com a técnica para o pleno entendimento da teoria com o desempenho experiencial produtivo. Assim, é possível compreender que o trabalho eleva o homem e lhe traz alegria: educa o sentimento coletivista, enobrece e é por isso, que o trabalho, e particularmente o trabalho manual de qualquer tipo é precioso como meio de educação (PISTRAK, 2011, p. 39).

Outro dado importante na pedagogia socialista é que a criança e o adolescente tenham a sensação da importância de integrar-se na produtividade, dado que é o sentimento de colaboração que os fará pertencer a um coletivo. Para desenvolver a vida coletiva, os restaurantes coletivos, os clubes, etc., devem formar entre os jovens, não somente a aptidão para este tipo de vida, mas também, a necessidade de viver e trabalhar coletivamente na base da ajuda mútua, sem constrangimentos recíprocos. O costume de viver coletivamente pode e deve ser formado entre as crianças, tendo como base as tarefas domésticas coletivas, desenvolvendo-se entre elas o sentimento e a compreensão da necessidade e da utilidade sociais destas tarefas: é preciso que as crianças percebam o grande papel social desempenhado por todos esses pequenos hábitos na transformação do conjunto de nossa vida. Para tanto, deve-se ter em mente que uma formação geral e profissional, visa preparar as crianças para o trabalho na sociedade, na qualidade de membro da coletividade escolar, criar condições para que o coletivo geral possa gerar escolhas pessoais em gostos direcionados de trabalho (PISTRAK, 2011, p. 44-45).

Na escola deparamos na maior parte das vezes com trabalhos coletivos; em particular, toda a atividade desenvolvida no domínio da autonomia escolar resume-se a um esforço para criar uma boa organização; a própria escola, finalmente, é uma organização ampla e complexa. Consideramos assim o trabalho na escola antes de tudo como um fenômeno de ordem social. É por isso que dedicamos grande atenção ao trabalho social da escola, concebido como uma das formas mais importantes do trabalho coletivo. Para tanto, o planejamento faz-se necessário, assim como necessário é trabalhar a realidade, selecionar os temas do complexo, construir uma série entendível e sequencial.; trabalhar todas as disciplinas do complexo proposto, ou trazendo para o nosso tempo, pelo tema proposto.

Com relação à transição à forma socialista, Pistrak (2011, p. 92) acentua, em primeiro lugar, a participação no trabalho geral e, em segundo lugar, a existência de formas de trabalho específicas, incumbidas de ligar, intimamente, a escola e a vida (trabalho social da escola); isso significa também o desenvolvimento máximo dos métodos coletivos de trabalho, e a escola, em relação a isso, enquanto conjunto constituído, pode e deve ser uma coletividade de trabalho organizado. Assim, o coletivo forma-se pelos que têm interesse naquilo a que estão próximos. O papel do pedagogo está em orientar sem esmagar as iniciativas sob sua autoridade, nem abandoná-las a pretexto de não intervir.

Pistrak (2011, p. 130) entende por trabalho coletivo a responsabilidade coletiva do trabalho. Se uma classe não representa um coletivo compacto, se a unidade das crianças é apenas o resultado de sua reunião fortuita num lugar de ensino, a responsabilidade coletiva na realidade significará uma falta total de responsabilidade. A participação dos coletivos, dos iguais, diferencia-se para qualquer criança que desde cedo aprende a interagir e solicitar os seus interesses através de assembleias.

Segundo Pistrak (2011, p. 145), o coletivo é uma concepção integral e não um simples total referido às suas partes, o coletivo apresenta propriedades que não são inerentes ao indivíduo. A quantidade se transforma em qualidade. Nesses coletivos, há um grande haver social e tudo é executado com grande êxito de cooperativas escolares. Essa forma de auto-organização controla os aquários, conserta materiais, prepara e instala novos aparelhos, tudo pode ser gradativamente confiado às crianças.

Freitas (2009, p. 13) aponta que a finalidade das escolas era criar, coletivamente, na prática e junto às próprias dificuldades da realidade educacional, impostas na época, uma nova escola, guiada pelos princípios básicos da escola única do trabalho. Postos na deliberação da escola única do trabalho de 1918 e no documento do NarKomPros, as Escolas-Comunas eram tidas como local de agregação de grandes e experientes educadores, que se dedicavam a criar as novas formas e conteúdos escolares sob o socialismo nascente, para transferir tais conhecimentos para as escolas regulares, de massa. Pistrak mostrou por intermédio da sua pedagogia, que toda criança, independente dos traumas sofridos, pode ser brilhante, ativa, capaz, com grande iniciativa na vida. Para isso, precisa de um coletivo apoiando e dando o suporte necessário.

Ainda segundo Freitas (2009, p. 93-94), a pedagogia do meio coloca como referência a preparação para construção do futuro, o que só pode ser aprendido por meio da própria vivência da vida coletiva. O coletivo não deve ser a negação pura e simples do indivíduo, de sua individualidade. Pistrak mostra que essa deve ser confrontada com o outro, com o coletivo, como momentos naturais e simplesmente diferentes. Na realidade, a própria individualidade necessita do coletivo para completar seu desenvolvimento e aprimoramento. Assim, os veteranos devem dar apoio aos calouros, ser receptivos, a criatividade deve ser o objeto de uma educação, ação transformadora real, Pistrak foi um grande contribuidor da pedagogia socialista.

A pedagogia do meio, destaca Freitas (2009, p. 95), envolve uma concepção materialista histórico-dialética de mundo colocada por Pistrak, que entende a formação do ser humano, enquanto sujeito histórico que se desenvolve, no interior de sua materialidade, seu meio, sua atualidade, tendo a natureza como cenário e a sociedade humana como parceira solidária de seu próprio desenvolvimento, por meio de suas lutas e de suas construções. O pensamento de Pistrak aponta desafios aos educadores do campo socialista. Lucena al (2011, p. 279) acentuam que a negação dos pressupostos inerentes à sociedade capitalista parece primordial.

Freitas (2009, p. 95) ainda aponta que, para Pistrak, o processo de formação se desenvolve calcado em uma matriz multilateral de desenvolvimento cognitivo, afetivo, artístico-estética, físico-corporal, moral-ética, ecológica. A melhor compreensão parece ser a que dá tanto ao indivíduo como ao coletivo uma posição sem antagonismos ou supremacias, entendendo-os como momentos diferentes do ser humano. O fim da alienação era uma imensa esperança coletiva que tomou conta da sociedade soviética. Pistrak preocupava-se com o futuro, não cultuava o passado e buscava o bem comum, entendendo que isso deveria superar o individualismo e o egoísmo.

Diante do exposto, é possível perceber que Makarenko apresenta a coletividade como algo que leva à felicidade, que impõe regras, eleva a auto-estima, requer responsabilidade, que é forte, livre e laboriosa, que faz crescer e enriquecer. O coletivo é um organismo social vivo e, por isso, possui órgãos, atribuições, responsabilidades, correlações e interdependência entre as partes. Já Pistrak tratava o coletivo sob três aspectos: os indivíduos reais, sua atividade e as condições materiais de sua vida. Trabalhava com regras, defendia a individualidade dentro do coletivo com a auto-organização. Para ele o trabalho elevava o homem e lhe trazia alegria, assim como a responsabilidade coletiva. O trabalho educa e pode ser concebido como uma das formas mais importantes de coletividade.

Makarenko era otimista, impunha a coragem no seu coletivo, trabalhava o senso de responsabilidade social, exigia sempre o máximo e fazia-se respeitar. Sua mudança para a época estava na reeducação para os jovens por meio do coletivo na educação e trabalho. Sua noção estava na honra diante dos seus educandos. Pistrak mostrou um excepcional êxito no que se refere à escola soviética do trabalho. A criança preparava-se para tornar-se membro da sociedade, e a escola deveria ser o seu centro vital.

Assim, podemos perceber que Makarenko e Pistrak trouxeram grandes contribuições para a discussão sobre a possibilidade de termos o trabalho como princípio educativo e a coletividade como o fundamento de uma nova solidariedade que ajudaria na derrocada do capital e na construção da sociedade socialista.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CALDART, Roseli Saleti. **Apresentação de M.M.Pistrak**. Porto Alegre, maio 2000.

CAPRILES, René. **Pensamento e Ação no Magistério: Makarenko, o nascimento da pedagogia socialista**. São Paulo: Ed. Scipione, 1989. 184p.

CIAVATTA, Maria; LOBO, Roberta. **Pedagogia Socialista**. 2012. P.561-569.

FREITAS, Luiz Carlos de. **A luta por uma pedagogia do meio: revisitando o conceito**. Cap.1. 1. Ed. São Paulo: Expressão Popular S.D. 103 p.

FREITAS, Luiz Carlos, videoconferência/webconferencia/unicamp.br.

GORKI, Máximo. **La Madre**. Espanha. 1974.

LUCENA, Carlos. FRANÇA, R.L., PREVITALI, F.S., LIMA, A.B., OMENA, A. Pistrak e Marx, os fundamentos da Educação Russa. **Revista HISTEDBR** online, Campinas, n. especial, p. 271-282. Abr 2011 ISSN 1676-2584

MAKARENKO, Anton, 1888-1939. **Poemas Pedagógicos**. Tradução do original russo de Tatiana Belinky; posfácio de Zóia Prestes. São Paulo: Ed.34, 2005. 656 p. (coleção leste).

MARX, Karl. ENGELS, Fredrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: ciências humanas, 1979.

PISTRAK, Moisey Mikhaylovich, 1888-1940. **Fundamentos da Escola do Trabalho**. Tradução de Daniel Aarão Reis Filho, 3. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011. 192 p.

PISTRAK, Moisey Mikhaylovich, 1888-1937. **A Escola Comuna**. Tradução de Luiz Carlos de Freitas e Alexandra Marenich. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009. 472 p.

TRAGTENBERG, Maurício. Pistrak: uma pedagogia socialista. **Revista Espaço Acadêmico**, Ano III, n. 24, Maio de 2003 – mensal – ISSN – 1519.6186